

EDITORIAL

OS CAMPOS DE TRABALHO EM PERFUSÃO

Maria Helena L. Souza

Rio de Janeiro, Brasil

A circulação extracorpórea evolui com muita rapidez, em seus conceitos, indicações e aplicações e, nos últimos anos, saiu da sala de operações cardiovasculares e obteve espaço em numerosas outras especialidades cirúrgicas. Ao mesmo tempo, invadiu as salas de estudos hemodinâmicos, como suporte à terapia invasiva, cada vez mais frequentemente praticada e as salas das emergências dos hospitais terciários, para o tratamento de quaisquer condições agudas capazes de comprometer a estabilidade cardiovascular e/ou respiratória, inclusive, intoxicações por agentes depressores, ingeridos em grandes quantidades com propósitos suicidas. A importância da circulação extracorpórea prolongada, nas unidades de terapia intensiva, está demonstrada desde os anos 70 do século XX, pelo desenvolvimento progressivo das diversas modalidades de ECMO.

A cada dia constatamos o aparecimento de novos dispositivos, aparelhos, técnicas, vemos o surgimento e a descoberta de novas e mais potentes drogas e a constatação de efeitos indesejáveis produzidos por drogas utilizadas há vários anos.

A engenhosidade e a criatividade dos profissionais das equipes de cirurgia, de anestesia e de perfusão, no seu trabalho conjunto, organiza, avalia e cria novas técnicas e protocolos capazes de propiciar uma excepcional melhora dos resultados obtidos com determinados procedimentos, simplesmente por tornar a sua repetição, um fato rotineiro.

Assistência ventilatória prolongada, assistência circulatória prolongada, mediante o uso de diversos aparelhos e dispositivos, como o balão intra-aórtico, por exemplo, ventrículos auxiliares para-corpóreos, coração mecânico para uso temporário e, em certos casos selecionados, para uso definitivo, são novas áreas de atuação que requerem o conhecimento e a experiência que os perfusionistas adquiriram ao longo do período em que manusearam as máquinas de circulação extracorpórea.

As diversas modalidades de autotransfusão, os programas de realização da cirurgia cardíaca e a

circulação extracorpórea sem o emprego de sangue ou seus derivados, também constituem áreas em que a experiência e a participação dos perfusionistas tornam-se indispensáveis.

A ultrafiltração, nas suas diversas modalidades, é uma outra área de atuação em que o perfusionista caminha com grande desenvoltura, nas diversas especialidades médicas, cirúrgicas e nas áreas da terapia intensiva de adultos e pediátricas.

Essas e outras circunstâncias, ao invés de reduzir as oportunidades de trabalho dos perfusionistas, abrem novas e interessantes perspectivas. Muitos profissionais da área de perfusão, deixam de “pertencer” exclusivamente às equipes de cirurgia cardíaca, para atuar em diversas áreas do hospital em que o seu conhecimento e a sua experiência podem ser necessários.

A abrangência da atividade à disposição dos perfusionistas, no momento, supera as suas possibilidades de atendimento. Há necessidade de um aprimoramento nos currículos de formação desses profissionais, que permita a sua preparação com suficiente informação para lidar com as necessidades que a medicina moderna traz em seu contexto.

A terapia intensiva, o suporte circulatório e ventilatório de longa duração, conferem ao trabalho dos profissionais envolvidos uma conotação pluralista, própria para os indivíduos habilitados ao trabalho coletivo. A singularidade da perfusão convencional e a presença do binômio homem-bomba de CEC, não encontram espaço nos modernos sistemas de assistência terciária, em que os procedimentos duram dias ou semanas e requerem monitorização e controles criteriosamente planejados e executados.

Os tempos do trabalho respaldado por uma experiência apenas prática, adquirida na sala de cirurgia cardíaca estão sendo deixados no passado. Os profissionais que os tempos presentes exigem, adquirem sua experiência nos laboratórios de fisiologia respiratória e circulatória. Novos tempos e novas necessidades a serem supridas. É a corrida sem fim do progresso e da evolução.